

Briga pela sucessão continua

A indicação do governador de São Paulo, Franco Montoro, para o Ministério das Relações Exteriores e a transferência do atual ministro Abreu Sodré para a Embaixada brasileira em Paris poderão servir como peças importantes para a solução do aparente impasse surgido em torno da disputa iniciada pelo governador eleito do Rio, Moreira Franco, para indicar o novo presidente do BNDES.

Segundo informações que circulam entre dirigentes do Banco, o presidente José Sarney chegou a assinar a nomeação de Márcio Fortes para a presidência do BNDES, poucos dias antes da greve geral convocada pela CUT e CGT. Foi a intervenção direta do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, em favor da permanência de André Franco Montoro Filho no cargo, que provocou o adiamento da decisão para março, quando deverá ser anunciada também a reforma ministerial.

O adiamento da decisão — que já era dada como certa entre os assessores de Moreira Franco e por empresários próximos do candidato oficial de Moreira Franco, o dirigente da João Fortes Engenharia, Márcio Fortes — foi motivado pela pressão exercida por algumas personalidades expressivas do PMDB de São Paulo. O próprio governador eleito, Orestes Quêrcia, telefonou diretamente da Europa, onde se encontrava em viagem de descanso, deixando claro que não abriria mão do cargo.

Dois coelhos

Segundo a interpretação de alguns colaboradores próximos de Moreira Franco, o remanejamento de cargos permitiria matar dois coelhos de um só golpe: por um lado, esvaziaria a pretensão do PMDB de São Paulo de manter sob seu controle a presidência do BNDES, permitindo a composição com Moreira Franco; por outro, obrigaria o atual governador de São Paulo a abrir mão de um dos seus projetos mais cobiçados — a presidência do PMDB, tão logo Ulysses Guimarães assumia a presidência da Assembléia Nacional Constituinte.

A disputa, que está em processo acelerado de acirramento, promete novos lances para as próximas semanas. A intervenção do governador eleito de Minas Gerais, Newton Cardoso, numa aparente aliança com Moreira Franco, já é dada como certa. Além de tudo, os observadores mais atentos estão prevendo também a entrada em cena dos ministros da área econômica: o do Planejamento, João Sayad, e o da Fazenda, Dilson Funaro.

Fontes mais ligadas ao atual presidente do BNDES costumam garantir que João Sayad está decidido a levar até as últimas consequências a decisão de ter uma pessoa da sua inteira confiança no cargo. O BNDES está subordinado ao Planejamento, Ministério que representa, dentro do gabinete de Sarney, a única pasta que conta com um representante direto de Franco Montoro.

A posição do ministro Dilson Funaro já não parece ser encarada da mesma maneira pela corrente do PMDB de São Paulo que se alinha sob a liderança de Franco Montoro. Além disso, Funaro vem sendo identificado como um dos amigos pessoais de Márcio Fortes no Planalto.

Nos últimos meses, à margem das disputas, as divergências entre as duas assessorias alcançaram níveis mais extremados. Não foram poucas as farpas disparadas pelos dois lados, através de entrevistas reservadas ou conversas informais com jornalistas. A corrente mais ligada ao Ministério do Planejamento costuma apontar as posições recentes da assessoria da Fazenda como um retorno às velhas concepções monetaristas que forneceram as pautas da política econômica no governo do general João Figueiredo. E mais: aponta os últimos pacotes, baixados com o propósito aparente de gerar recursos que seriam destinados aos financiamentos dos projetos de longo prazo, como medidas que, inevitavelmente, terão seus objetivos desviados. O exemplo mais usado é o do Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND), que convive com a indefinição sem operar, desde meados do ano passado.